



THAÍS HELENA MATTAR

**COLOCAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO
DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DA UFLA À LUZ DA NOVA
SOCIOLOGIA ECONÔMICA DE MARK GRANOVETTER**

LAVRAS – MG

2018

THAÍS HELENA MATTAR

**COLOCAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA DA UFLA À LUZ DA NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA DE MARK
GRANOVETTER**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Administração Pública, para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Gustavo Costa de Souza

Lavras-MG

2018

Aos meus pais Leonardo e Magali e à minha avó Regina, que todos os dias me deram forças para superar as dificuldades e persistir no sonho. Obrigada por fazerem o possível e o impossível por mim.

Essa vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso fosse possível.

Aos meus pais Leonardo e Magali pelo esforço em tornar esse sonho realidade, pelo incentivo e por nunca me deixarem desistir.

A minha irmã Mariana pelo companheirismo e paciência.

A minha avó Regina por todo carinho e cuidado.

A todos os professores que me instruíram ao longo desses anos, contribuindo não somente para meu crescimento profissional, mas também pessoal. Em especial ao meu orientador Gustavo Costa de Souza pela disposição em me ensinar e guiar ao longo desse trajeto.

Aos meus colegas de curso Gustavo, José Eduardo, Roseli, Andreia, Eder, Luís Fernando, Paula, por todo apoio nos momentos difíceis e pela amizade ao longo desses anos.

As minhas amigas Isabela e Ingrid por estarem sempre presente e entenderem a minha ausência.

Ao meu namorado João pelo incentivo e ajuda nessa reta final.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

A Teoria Econômica clássica afirma que as ações humanas são movidas apenas em função do melhor para si e em busca de alcançar seus objetivos, a Nova Sociologia Econômica surge uma vez que essa teoria já não era mais capaz de assegurar essa explicação em relação às ações humanas. A Nova Sociologia Econômica expõe que as ações são na maioria das vezes motivadas pelas relações desenvolvidas. Mark Granovetter surge com a teoria dos laços, a qual afirma que desenvolvemos dois tipos de relações (laços), os laços fortes, que são aqueles desenvolvidos no começo da vida, com os familiares e amigos e os laços fracos que são as pontes que nos ligam a conhecidos de familiares, amigos de amigos. Pretendeu-se, neste trabalho, demonstrar a importância dos laços –fortes e fracos- no ingresso ao mercado de trabalho, visto que muitas vezes essa entrada se dá por meio de indicações. Foi aplicado questionários com egressos do curso a fim de analisar como os mesmos se inseriram no mercado. Constitui-se também objetivo do trabalho analisar a estrutura curricular do curso de Administração Pública da UFLA e sua eficiência em relação à preparação do egresso para o mercado. O estudo facilitou o entendimento sobre quais as principais redes formadas durante a graduação que facilitam essa entrada, isto é, quais palestras, encontros e atividades são indispensáveis. Além de apontar possíveis melhorias na estrutura curricular do curso. Espera-se que as conclusões sejam repassadas aos graduandos e que as informações possam auxiliar no aprimoramento do curso de graduação facilitando a inserção do egresso e contribuindo com o desenvolvimento do curso.

Palavras-chave: laços; redes; Nova Sociologia Econômica; Mark Granovetter; Administração Pública.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
1.1 Objetivos gerais.....	2
1.2 Objetivos específicos.....	2
2. Justificativas.....	3
2. Referencial Teórico	
2.1 Nova Sociologia Econômica.....	4
2.2 Redes de Cooperação	13
2.3 O surgimento do Campo de Públicas.....	14
2.4 O curso de administração pública na UFLA.....	20
3. Metodologia	
3.1 Natureza e tipo de pesquisa.....	22
3.2 Processos da coleta de dados.....	23
3.3 Análises da coleta de dados.....	23
4. Análise e Discussões	
4.1 O mercado de trabalho para os egressos do curso de Administração Pública da UFLA.....	24
4.2 As redes e o curso de Administração Pública da UFLA.....	26
4.3 Obstáculos para a inserção ao mercado de trabalho.....	28
5. Considerações finais.....	30
6. Referências.....	31

1. Introdução

Podemos dizer que atualmente mais do que nunca vivemos em uma época na qual o mercado de trabalho influencia fortemente a vida de todos. Vivemos com a pressão e que devemos estar inseridos nesse meio, e caso não conseguimos a frustração é enorme, podendo levar até mesmo a problemas psicológicos. Surge assim também a expectativa de que com um curso superior as portas se abram mais facilmente, no entanto, a realidade sabemos, é bem diferente.

O número de alunos em universidades é grande e conseqüentemente nem todos conseguem se inserir no mercado de trabalho, mas para aqueles que conseguem o que foi feito por eles é diferente dos demais alunos durante a graduação.

Pensando nisso foi procurado através da presente pesquisa entender como que um mercado tão saturado em diversas áreas até mesmo na área pública, por quais meios os alunos egressos do curso de administração pública da UFLA conseguiram se inserir no mercado de trabalho.

A pesquisa foi fundamentada por meio da visão da nova sociologia econômica, essa nova sociologia que teve origem nos anos 70 tem como linha de análise procurar entender o mercado de trabalho suas divisões e estrutura social. Mais especificamente focalizada na ideia da relação dos laços desenvolvida por Granovetter.

Tal teoria diz respeito à ideia de que a partir das relações sociais, isto é os laços, as pessoas tendem a participarem de certos grupos específicos devido à influência que esses laços exercem sobre elas. (GRANOVETTER, 1990).

O trabalho apresentado tem o foco em como esses laços influenciam o mercado de trabalho e na forma como eles intermediam na chegada a esse mercado.

Sendo assim optou-se por estudar essa relação do mercado de trabalho com as relações pessoais desenvolvidas, denominadas por Granovetter como laços, tais laços são os responsáveis por formarem as redes de relações sociais.

Essas relações podem ser exemplificadas como sendo o elo que move o mercado de trabalho, é conhecido que um ambiente com boas relações contribuem para um melhor desempenho tanto individual quanto coletivo e assim conseqüentemente para a empresa, também sabemos como tais relações na maioria das vezes formam a equipe responsável pelo

sucesso e bom desenvolvimento, e muitas vezes essa equipe é formada por profissionais que se identificam uns com os outros, por exemplo, tendo pontos de vista em comum, mesma formação acadêmica, amigos em comum, entre outras.

Através dessas redes de relações no mercado de trabalho o principal questionamento é a respeito da teoria dos laços na área da Administração Pública.

Com o foco no curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras, o principal questionamento é como se deu a entrada dos egressos no mercado de trabalho?

1.1 Objetivo

O objetivo principal é procurar responder a questão problema apresentada na introdução, isto é, entender “como se deu a entrada dos egressos ao mercado de trabalho”.

Assim conseqüentemente entender quais caminhos apresentam-se mais eficazes para que os egressos se insiram facilmente no mercado de trabalho.

O objetivo por trás dessa análise é poder direcionar os alunos para o caminho mais efetivo a seguir durante o curso de Administração Pública na UFLA, mostrando-os a importância de se integrarem a grupos de estudos, participarem de conexões públicas, e certas redes específicas de relações.

1.2 Objetivos específicos

1. Explorar o ambiente do mercado de trabalho para os egressos do curso de Administração Pública da UFLA.
2. Procurar entender como as redes se formam ao longo do curso e qual a extensão de sua importância.
3. Compreender as principais dificuldades para a inserção ao mercado de trabalho.

1.3. Justificativas

O presente trabalho se apresenta favorável uma vez que permite conhecer mais o campo de públicas e como se dá a empregabilidade no mesmo, visto que não há muitos estudos sobre esse meio.

O principal público beneficiado são os alunos graduandos em Administração Pública da UFLA, pois é esperado que os resultados ajudem no percurso do curso, tornando mais simples a inserção ao mercado de trabalho.

A importância do assunto apresentado se dá com a análise de quais redes esses alunos que formaram no curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras e conseguiram ingressar quase que imediatamente no mercado de trabalho estavam inseridos durante sua formação.

Como será explicado mais adiante o mercado de trabalho da Administração Pública passou por fortes desafios para sua consolidação, esse que até então era mais preenchido por profissionais da Administração de Empresas, vem ganhando espaço para a efetivação de um mercado com profissionais especializados na área.

Assim através da análise dos questionários a pesquisa contribui para um melhor direcionamento a ser seguido durante a graduação e para a avaliação do mercado de trabalho na área da Administração Pública.

2. Referencial Teórico

2.1 Nova Sociologia Econômica

A sociologia econômica surge como forma de entender as ações do agente econômico e complementar as ideias da teoria econômica, uma vez que, a sociologia clássica já não mais oferecia respostas totalmente válidas para essa questão. Segundo Steiner (2006), os principais autores que deram origem a essa abordagem foram Durkheim, Pareto, Weber e Schumpeter.

Com Pareto foi possível tornar mais complexa a abordagem econômica, acrescentando-se a ela as dimensões características do social; com Durkheim, a sociologia econômica passou a ser vista como o modo de substituir a economia política, considerada cientificamente inadequada; com Weber e Schumpeter, a sociologia econômica passou a ter como vocação completar a economia política, já que ela oferece condições para que a história seja levada em consideração. (STEINER, 2006, p.8).

A teoria econômica sugere que os homens são todos *homo economicus*, isto é, todas suas ações são egoístas e racionais. Segundo Steiner (2006, p.10), a teoria econômica “estuda os possíveis e não os próprios fatos, isto é, ela estuda o que os homens deveriam fazer se fossem racionais, como se supõe que eles sejam”.

Já a sociologia econômica entra nesse campo para mostrar que o homem, por mais que tente, não consegue ser totalmente racional, as relações sociais estão tão presentes em sua vida que influenciam mais em suas decisões do que o fator econômico.

A economia pura escolhe como objeto o estudo das consequências do comportamento egoísta racional, ela se encarrega da descrição das diversas formas e consequências desse comportamento sem se preocupar com o meio social, histórico no qual esse comportamento se desenrola. A sociologia econômica não age dessa forma: ela realiza pesquisas históricas e sociológicas precisas para demonstrar que o comportamento egoísta, associado a outras formas de comportamento, varia conforme o contexto histórico e social para produzir tal ou tal resultado. (STEINER; 2006, P.10)

As relações sociais são cruciais em questões mercantis e econômicas, a sociologia econômica mostra como elas formam o mercado atual e busca provar como movimentam o agente social e conseqüentemente o mercado.

Entre os anos de 1886-1968, com as publicações de Karl Polanyi, surge a nova sociologia econômica a qual conhecemos atualmente.

A teoria de Polanyi diz respeito à ideia de enraizamento da sociedade, isto é, as ações tendem a ser feitas de acordo com nossas raízes (costumes), por exemplo, seguir a mesma religião que os pais.

Essa questão levou Polanyi a questionar se na economia esse enraizamento também estaria presente e de que forma ele funcionava nesse meio.

Block (1990 citado por VINHA 2003, p. 39) afirma que em suas pesquisas sobre os sistemas tribais primitivos, Polanyi observou que nem todas as sociedades humanas alocaram recursos escassos para incrementar a eficiência na produção. Pelo contrário, através da maior parte da história, a satisfação da subsistência era estruturada seja por laços de parentesco [*kinship*], seja pela religião ou outras práticas culturais que tinham muito pouco a ver com a alocação de recursos escassos. O modelo de economia formal, no qual indivíduos maximizam ganhos econômicos através do comportamento competitivo, não se aplica a todas as sociedades, levando Polanyi a questionar a universalidade de uma teoria econômica que não contempla as diferenças fundamentais entre sociedades capitalistas e pré-capitalistas (BLOCK, 1990, p. 39).

Na concepção da NSE, as instituições são o lócus das relações econômico-sociais. Por conseguinte, através delas formam-se a cultura econômica que informa as atividades, valores, comportamentos e regras que as orientam. Neste sentido, o mercado não tem autonomia em face das instituições, isto é, não se encontram em campos distintos, mas, ao contrário, são as formas institucionais, historicamente construídas (isto é, enraizadas por contextos específicos), que cada sociedade encontra para fazer valer os interesses dos seus grupos sociais, que criam mercados considerados como arena econômica onde se confrontam interesses diversos. (VINHA, V. 2001, p. 223).

Abramovay (2004, p.55) , “Polanyi estava preocupado basicamente em mostrar que mercado era uma entre inúmeras formas que assumia a coordenação social na luta pela sobrevivência da espécie e se insurgiu contra a tendência, de fato dominante à sua época, de fazer dele a expressão máxima da racionalidade econômica”.

Ainda citando Abramovay (2004):

E é exatamente nesse sentido que se pode falar de uma nova sociologia econômica. Não se trata de encarar o mercado como uma entidade “auto regulável”, para usar a expressão de Polanyi que outras instituições sociais vão limitar: o objetivo é mostrar que, nos mercados, os vínculos sociais concretos, localizados, são determinantes de suas dinâmicas e que, portanto, sua auto regulação depende da própria maneira como a interação social ocorre. (ABRAMOVAY. R., 2004, p.55)

As citações descritas anteriormente têm como proposta exemplificar por quais meios a nova sociologia econômica foi desenvolvida, isto é, quais foram os questionamentos e análises que contribuíram para seu desenvolvimento e definição de ciência.

Muitas teorias tiveram como base a conjectura de Polanyi, entre essas novas teorias, é de grande interesse destacarmos a teoria de laços de Mark Granovetter.

Em 1974, Granovetter escreveu o artigo intitulado *The Strength of Weak Ties*, rompendo com a sociologia tradicional ao propor a análise do padrão de conexão existente entre os indivíduos (grau de coesão das redes, fluxo de recursos entre os indivíduos como dinheiro, afeto, informação). Para o sociólogo, apenas faz sentido aprofundar os critérios da sociologia depois de conhecido o grau de coesão social desses grupos. Sua tese é a de que os indivíduos tomam decisões mais consistentes quanto mais fortes são os vínculos em suas redes. (Kaufman; 2012; p. 208)

Abramovay (2004) exemplifica as ideias de Granovetter da seguinte maneira:

Granovetter compara o ator econômico das relações hierarquizadas *williamsonianas* ao cidadão hobbesiano que só pode viver em sociedade sob a égide de um Estado tutor. O outro lado da moeda é que o mercado de Williamson lembra o estado de natureza hobbesiano, em que unidades atomizadas, fragmentadas, se relacionam de maneira ocasional umas com as outras sem que isso produza qualquer relação permanente entre elas, não necessitando então, para seu funcionamento, de nenhuma estrutura de enquadramento. Nas relações hierárquicas – esse é o argumento de Granovetter –, as estruturas sociais são decisivas e, nos mercados, é como se elas desaparecessem inteiramente, como se a sociabilidade se concentrasse numa organização e desaparecesse quando se trata de vínculos puramente mercantis. O importante no argumento aqui apresentado – que não faz justiça repita-se, à riqueza, à diversidade de aplicações e à profundidade do pensamento de Williamson – é a ideia, fundadora da nova sociologia econômica, de que não são apenas em situações de hierarquia que as estruturas sociais se tornam importantes no estudo das transações econômicas. “O mercado anônimo dos modelos neoclássicos é virtualmente não existente na vida econômica [...]” (Granovetter, 1985, p. 495). Consequentemente, não é verdade que transações mercantis especialmente complexas só possam ser enfrentadas por meio de estruturas organizadas em forma hierárquica (ABRAMOVAY, 2004, p.49).

É importante destacar aqui o significado das vertentes *williamsonianas* e *hobbesiano*. A vertente *williamsonianas* foi criada por Oliver Williamson (1975), tendo como objetivo a análise de situações em empresas onde a hierarquia é mais respeitada e em qual momento permanecem os laços.

Abramovay (2004) define a ideia de Williamson como sendo a explicação das diferentes formas de organização econômica no capitalismo.

Ainda segundo Abramovay, (2004, p.49), “as formas respondem aos custos do reconhecimento das propriedades dos atores econômicos e à segurança em torno da obtenção dos direitos daí decorrentes e dos contratos a que eles conduzem”.

Já a vertente Hobbesiana Ganem, A. (2000) explica como “Hobbes demonstra a passagem de um estado de natureza para a sociedade civil através do pacto social, elemento que viabiliza e explica a emergência da ordem social, produzindo uma teoria que é considerada pela literatura crítica social a mais acabada explicação da emergência da ordem pelo contrato”.

Ainda segundo Ganem, A. (2000):

O mercado, como fator de integração social, atinge todos os planos e, superando o comércio entre nações (Montesquieu), se traduziria no próprio mecanismo de organização da sociedade liberal. A mão invisível, em substituição ao legislador, se tornaria, portanto, o operador último dessa nova ordem social. Esta adquiriria autonomia explicativa nos fundamentos do indivíduo e descartaria para a explicação de sua emergência o contrato social (Hobbes).

Tivemos outros autores em que suas teorias tiveram como origem a ideia de Polanyi. O quadro a seguir foi extraído do artigo de Richard Swedberg denominado Sociologia econômica: hoje e amanhã (2004, p.9). O quadro nos mostra a evolução da sociologia econômica clássica à nova sociologia econômica.

Quadro 1 “Moderna” ou Nova Sociologia Econômica”, Parte I: Estados Unidos (anos de 1980)	
Pronunciamento Doutrinário	Mark Granovetter, “Economic action and social structure: the problem of embeddedness” (AJS 1985).
Enfoque básico	Os fenômenos econômicos cruciais deveriam ser analisados com ajuda da sociologia. Os seguintes enfoques parecem especialmente úteis nesse empreendimento: teoria das redes, teoria das organizações e sociologia cultural.
Conceitos teóricos cruciais	“Enraizamento”, “a construção social da economia”.
Indicadores de institucionalização	Coletâneas de textos básicos (1992-2001, 2002), um manual introdutório (1994; segunda edição a ser publicada em 2005), ementas de cursos e materiais didáticos divulgados pela Associação Norte- Americana de Sociologia (1996; segunda edição, 2002), seção de sociologia econômica na Associação Norte- Americana de Sociologia (2001), criação de centros de pesquisa (como o Center for the Study of Economy and Society em Cornell).
Alicerces Acadêmicos	Universidade Estadual de Nova York, em Stony Brook, nos anos de 1980; na atualidade Universidades de Standford, Cornell, Berkeley, Princeton e Northwestern; diversas escolas de administração, inclusive Havard Business School, Sloan School of Management e outras (afora praticantes isolados).

Principais Especialistas	Mitchel Abolafia, Sarah Babb, Wayne Baker, Nicole Woolsey Biggart, Mary Brinton, Ronald Burt, Bruce Carruthers, Gerry Davis, Frank Dobbin, Peter Evans, Neil Fligstein, Bai Gao, Gary Gereffi, Mark Granovetter, Mauro Guillén, Gary Hamilton, Mark Mizruchi, Victor Nee, Joel Podolny, Walter Powell, David Stark, Linda Brewster Stearns, Richard Swedberg, Brian Uzzi, Harrison White e Viviana Zelizer.
Monografias relevantes	Mitchel Abolafia, <i>Marking markers</i> (1998); Sarah Babb, <i>Managing Mexico</i> (2001); Nicole Woolsey Biggart, <i>Charismatic capitalins</i> (1989); Ronald Burt, <i>Structural holes</i> (1992); Bruce Carruthers, <i>City of capital</i> (1996), Frank Dobbin, <i>Forging industrial policy</i> (1994); Neil Fligstein, <i>The transformation of corporate control</i> (1990) e <i>The architecture of markets</i> (2001); Bai Gao, <i>Japan's economic dilemma</i> (2001); Mark Granovetter, <i>Getting a job</i> (1974, 1995); Richard Swedberg, <i>Max weber and the idea of economic sociology</i> (1998) e <i>Principles of economic sociology</i> (2003); Harrison White, <i>Markets from networks</i> (2002); Viviana Zelizer, <i>The social meaning of money</i> (1994)
Mote	O termo “nova sociologia econômica” foi cunhado por Mark Granovetter numa conferência pronunciada na Associação Norte-Americana de Sociologia, em Washington, D.C., em 1985. A mensagem básica era a de que a moderna sociologia econômica, contrastada com a “velha sociologia econômica” dos anos de 1960 (Parsons, Moore etc.). deveria focalizar as instituições econômicas chaves.

Fonte: Versão atualizada da constante na obra de Richard Swedberg, *Principles of economic sociology*, 2003, p. 34;

Até o surgimento da nova sociologia econômica acreditava-se que o mercado era movido somente por questões econômicas e descartavam as relações sociais, essas relações foram denominadas por Granovetter como laços; tais laços são o que unem as redes de uma maneira mais ou menos flexível.

Segundo Steiner (2006, p. 77) “uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos vínculos diretos e indiretos (contatos de meus contatos etc.) entre os atores”.

As redes servem como forma de interação entre os indivíduos, como dito por Steiner (2006, p.77): “a formação de redes se dá muitas vezes por ideias e valores que se coincidem entre seus membros, essa identificação de opiniões parecidas as fortalecem (as redes) fazendo com muitas vezes, mesmo que um indivíduo passe anos sem se comunicar com outro, quando se encontram ainda se identificam”.

Carvalho (2004, p.2) “A perspectiva de “redes sociais” tem entre seus problemas centrais compreender como são motivados os atores em espaços sociais. [...] A metáfora da nova sociologia consiste em atores em nós conectados por laços ou vínculos sociais”.

Temos, como exemplo, dois estudantes que se conheceram durante a faculdade e se tornaram amigos. Depois da formatura tomaram rumos diferentes, mas quando surge uma oportunidade de emprego na empresa de um deles opta-se por oferecer a vaga ao amigo de

faculdade. Esse exemplo mostra como as redes sociais são fortes e como elas contribuem para que se forme o mercado.

Granovetter no percurso da nova sociologia econômica foi o pioneiro a aprofundar o estudo no mercado de trabalho; tendo como base a linha de estudo de Max Weber, a qual segundo Richard Swedberg:

De acordo com Weber, também é preciso entender que nenhuma economia pode ser cem por cento formalmente racionais; ela sempre contém um elemento da irracionalidade formal, ou racionalidade substantiva. Também afirma que, em algumas situações, a racionalidade formal e a substantiva podem coincidir – como, por exemplo, na provisão de um mínimo de subsistência para uma população muito grande – mas isso é muito raro e não acontece habitualmente. (Swedberg. R. 2005, p.63).

Como explicações sobre a origem do estudo do mercado de trabalho há a ideia de Kelleberg e Sorensen (citado por GUIMARÃES, 2009, p.153):

O campo de estudo dos mercados do trabalho se estruturou inicialmente como uma área de confluência entre diferentes linhagens e tradições acadêmicas, provenientes da estratificação social, da sociologia das ocupações, da sociologia industrial, da sociologia das organizações e, como não poderia deixar de ser, da economia do trabalho.

Em seu livro denominado *The sociology of economic life*, Granovetter nos aponta as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho como, por exemplo, a heterogeneidade e a mobilidade.

Segundo Raud-Mattedi (2003, p.73) Granovetter “teve o grande mérito de desmitificar o mercado anônimo dos neoclássicos, além de desenvolver uma ferramenta genuinamente sociológica de análise dos fenômenos econômicos: a rede como mediação social”.

Raud-Mattedi (2003) “A Sociologia Econômica de Granovetter, definida como uma sociologia da vida econômica ou da atividade econômica distingue três níveis nos fenômenos econômicos: a ação econômica, os resultados econômicos (como os preços e os salários) e as instituições econômicas”.

Granovetter denomina as relações como laços, esses laços são fundamentais no mercado de trabalho. Segundo ele há dois tipos: os laços fracos e os laços fortes.

Raud-Mattedi cita em seu artigo a ideia de laços de Granovetter:

Granovetter distingue dois tipos de imbricação, o relacional e o estrutural (1990). O primeiro diz respeito às relações pessoais mais imediatas do

indivíduo (família, amigos, etc.), e o segundo refere-se às relações mais afastadas, às quais o indivíduo tem acesso graças a seus laços fortes – laços mantidos com conhecidos – que põem em contato com universos sociais distintos. (Raud-Mattedi. C 2003, p.64).

Bridges, que no português significa pontes, refere-se na nova sociologia econômica como o elo que liga um grupo ao outro. Esse elo seria denominado por Granovetter como sendo os laços fracos.

Já *clusters*, significam grupos em português e caracterizam-se pela sua formação, que é dada através de elos em comum.

Segundo Granovetter (1983 citado por Kaufman 2012, p.208), “laços fracos são fundamentais para a disseminação da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com experiências e formações diversas”. Nas redes de laços fortes há uma identidade comum, as dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos clusters. Por isso mesmo, nas referidas redes, procuramos referências para a tomada de decisão; são relações com alto nível de credibilidade e influência. Indivíduos que compartilham “Laços Fortes” comumente participam de um mesmo círculo social, ao passo que, os indivíduos com os quais temos relações de “Laços Fracos” são importantes porque nos conectam com vários outros grupos, rompendo a configuração de “ilhas isoladas” dos clusters e assumindo a configuração de rede social. Nesse sentido, as relações baseadas em “Laços Fortes” levam a uma topologia da rede, isto é, definem a configuração dos nós da rede de conexões entre os indivíduos no ciberespaço, no qual as relações de “Laços Fracos” funcionam como bridges desses clusters. Quanto menos relações de “Laços Fracos” existirem numa sociedade estruturada em clusters (“Laços Fortes”), menos bridges e menos inovação.

Na sua análise Granovetter (1973) observa que os laços fortes existentes entre amigos próximos que se conhecem muito bem agregam, quase sempre, pouco valor quando o indivíduo está buscando recursos. Os laços fortes – da família, dos amigos, dos pequenos círculos –pela homogeneidade que contem conduzem com frequência, a obtenção das mesmas informações e recursos. Partindo da rede egocêntrica do indivíduo, questiona este autor, se os laços a serem considerados como parte desta rede se resumiriam aos contatos diretos ou se seria o caso de considerar os contatos dos contados. O argumento Granovetter (1973) vem no sentido de que nos amplos setores da comunidade e da sociedade em geral, os laços ligados ao ego- os laços fortes – não são suficientes. Tais setores existiriam também os contatos distantes do ego, ou seja, os contatos indiretos construídos através de pontes. Assim, os laços sociais teriam importância não apenas na manipulação egocêntrica da rede, mas

também como canais através dos quais as ideias, as influências ou informação social distante do ego podem alcançá-lo. (CARVALHO, 2004, p.6)

Em seu livro *The sociology of economic life* ele nos faz uma comparação na qual pessoas que entraram por meio dos laços em seus serviços são mais propensas a terem uma promoção do que aquelas que entraram por outros meios.

Uma pesquisa realizada sobre executivos da região de Boston revelou que quase um terço da amostra não procurou o emprego que está ocupando, e que, nestes casos, se trata de empregos mais satisfatórios e mais bem remunerados do que a média da amostra. Granovetter descobre então que estes executivos encontraram seu emprego graças a contatos pessoais que transmitiram a informação fundamental da disponibilidade de uma vaga correspondência ao seu perfil. Portanto, ao invés de a informação ser vinculada pelos indicadores monetários, ela é transmitida como subproduto das relações sociais.

(...) Assim é menos importante estar fortemente inserido numa rede (de amigos ou de parentes, por exemplo) do que ter acesso, por meio de laços fracos (ou seja, de conhecidos), a várias redes. Os laços fracos são decisivos porque estabelecem pontes entre as redes, permitindo assim o acesso a universos sociais diversificados e a uma maior variedade de informações: é a força dos laços fracos. (Raud-Mattedi. C, 2002,2003, p.67).

Em seus estudos Granovetter também aponta que esses laços contribuem para a satisfação dos funcionários e conseqüentemente são base para o bom funcionamento das empresas. Essa afirmação está no artigo de (Raud-Mattedi. C 2002, 2003, p.68) citando Granovetter (1994^a, p.91) “As instituições econômicas estáveis começam por se desenvolver na base de modelos de atividade construídos ao redor de redes pessoais. Sua estrutura reflete a das redes em questão”.

Como destacado por Raud-Mattedi. (2002) o sucesso das empresas com a ajuda das relações sociais se dá principalmente devido a confiança, visto que esta não se é adquirida por meio de regras e morais, mas estão “enraizadas nas redes de relações interpessoais”.

Quando a imbricação é fraca demais, a ausência de confiança inibe o crescimento econômico: quando a imbricação é forte demais, os objetivos econômicos da empresa podem entrar em contradição com as reivindicações de amigos e parentes; somente os grupos sociais cuja estrutura articula imbricação e desimbricação conseguem superar estas duas dificuldades. (Raud-Mattedi. C 2002,2003, p.64).

Raud-Mattedi, 2005 “[...] papel das relações pessoais concretas e das estruturas (ou ‘redes’) destas relações no desenvolvimento da confiança” (1985, p. 490). “As relações

econômicas são assim facilitadas entre indivíduos que se conhecem diretamente, ou cuja reputação conhecem indiretamente através de um terceiro”.

Na medida em que as redes pessoais agem como canais de circulação de informações, a posição de um indivíduo na rede, assim como a qualidade da rede são elementos fundamentais. Assim, é menos importante estar fortemente inserido numa rede (de amigos ou de parentes, por exemplo) do que ter acesso, por meio de laços fracos (ou seja, de conhecidos), a várias redes. Os laços fracos são decisivos porque estabelecem pontes entre as redes, permitindo assim o acesso a universos sociais diversificados e a uma maior variedade de informações: é a “força dos laços fracos” (1973). Raud-Mattedi, 2005, p. 67

Ainda segundo Granovetter as redes convêm também nas relações morais dos grupos, Granovetter expõe essa ideia ao afirmar que:

[...] que a rede pode inibir comportamentos oportunistas, a má fé, a desconfiança (a própria difusão dos acontecimentos na rede acaba exercendo uma pressão sobre seus componentes, inclusive por meio da vergonha), ou não (pode ser uma questão de grau, pois é difícil imaginar que numa rede não haja algum nível de oportunismo, desconfiança, conflitos etc.), e pode levar a comportamentos cooperativos e/ou baseados na confiança. A argumentação é que a própria rede faz com que a ação de má-fé, por exemplo, tenha um limite, pela pressão dos atores da rede, o que conta muito os seus interesses integrados à estrutura da rede. Considere-se que, em geral, não é interessante para seus membros que a rede se desintegre. (Bovo, 2014, p. 142)

Busca-se também, com o presente estudo, compreender a forma como a grade curricular do curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras influencia nessas redes, isto é, se o ensino atual é satisfatório para esse objetivo, ou quais mudanças se apresentam necessárias.

Schommer (2005, p. 193), por exemplo, expõe que a aprendizagem quanto mais praticada mais bem executada será, assim conseqüentemente, a instrução que o aluno terá será maior.

[...] a experiência dirige a competência. Novas experiências podem exigir redefinição do empreendimento e a inclusão de novos elementos ao repertório. Quando um ou mais membros experimentam algo que foge ao regime de competência da comunidade, eles tendem a buscar mudanças nesse regime para incluir sua experiência, negociando seu significado com a comunidade de prática. Podem convidar outros membros da comunidade para participar de sua experiência, e procuram reificá-la para os demais. Se tiverem legitimidade suficiente, podem contribuir para alterar o regime de competência e criar novos conhecimentos no processo. As interações entre experiência e competência são cruciais na evolução de uma prática, com potencial para transformar tanto uma quanto a outra, ou ambas. (SCHOMMER, 2005, p. 137).

Schommer (2005) expõe também as várias formas existentes de aproximar a teoria com a prática dentro de uma universidade:

Há inúmeros mecanismos para a articulação de saberes, tanto dentro da própria universidade, quanto entre universidade e sociedade, os quais exigem diferentes tipos e graus de engajamento ou participação, e de retificação. Pode-se articular saberes em eventos pontuais, por meio do diálogo entre as pessoas, ou pode-se realizar projetos e atividades em conjunto para construir algo ou alcançar um objetivo comum, o que costuma envolver participação e maior proximidade entre os participantes. (SCHOMMER, 2005, p. 185).

Com o objetivo de estudarmos quais redes movem a Administração Pública e o que realmente implica no sucesso de seus servidores e conseqüentemente da organização, precisamos primeiro entender a história da atual forma de gestão que temos e assim compreendermos como nossos agentes são inseridos nesse meio de trabalho.

2.2 Redes de Cooperação

As redes de cooperação têm como objetivo facilitar as transações a fim de que possa ser alcançado certo objetivo.

No mercado de trabalho na Administração Pública tais redes interligam os interesses de vários atores.

Em relação à entrada nesse mercado, as redes são responsáveis por facilitar essa inserção, como será demonstrado adiante. O mercado de trabalho na Administração Pública apresenta algumas dificuldades no ingresso de novos servidores assim as redes, principalmente as redes sociais, são fundamentais para facilitar essa inserção.

De acordo com Olave e Amato Neto (2001) citando Leon (1998), “as redes de empresas são formadas inicialmente com o objetivo de reduzir incertezas e riscos, organizando atividades econômicas a partir da coordenação e cooperação entre empresas”.

Tal incerteza pode caracterizar como sendo o principal motivo de as redes sociais, ou os laços, serem utilizados.

É mais vantajoso se contratar uma pessoa que já se conhece e sabe de suas condições e limitações frente ao trabalho do que arriscar com outra.

A indicação ao mercado de trabalho, por meio das redes sociais, apesar de beneficiar as relações pessoais, não apresenta mais valor do que beneficiar primeiramente o órgão/empresa que receberá o indicado.

Olave e Amato Neto (2001) citado Corrêa (1999) e Casarotto Filho (1999) “o nascimento, a sobrevivência, em fim das redes depende da discussão e equacionamento destes três aspectos: a cultura da confiança, a cultura da competência e a cultura da tecnologia da informação”.

Tabela – Requisitos Essenciais para o Nascimento e Desenvolvimento de Redes de Empresas

TIPO DE CULTURA	DESCRIÇÃO
1) Cultura de Confiança	Aspectos ligados a cooperação entre empresas, envolvendo aspectos culturais e de interesse de pessoas e empresas.
2) Cultura de Competência	Diz respeito às questões ligadas às competências essenciais de cada parceiro. Engloba aspectos materiais até aspectos imateriais como os processos
3) Cultura da Tecnologia de Informação	A agilização do fluxo de informações é vital para a implantação e o desenvolvimento de redes flexíveis.

Fonte: Redes de Cooperação Produtiva: Uma Estratégia de Competitividade e Sobrevivência Para Pequenas e Médias Empresas, 2001, p.301.

Assim, como mostrado pela teoria de Granovetter as redes, ou laços, se mostram mais importantes para a inserção ao mercado de trabalho do que a formação e experiências de trabalho, no entanto tal indicação é feita por meio de confiança.

2.3 O surgimento do campo de públicas no Brasil

Como mostrado por Lima e Rodrigues em sua obra de 2017, intitulada "Campo de públicas em ação: coletânea em teoria e gestão de políticas públicas.”.

“o ensino de graduação em administração pública (AP) no Brasil data de 1952 e seu histórico é marcado por muitos percalços que refletem até os dias de hoje a falta de legitimidade e reconhecimento das idiossincrasias da área por quem não valoriza a formação específica para a área pública. Por outro lado, gestores públicos são muitas vezes hostis a profissionais formados, já que isso pode blindar a gestão de influências político-partidária”. (LIMA; RODRIGUES, 2017, p.11).

Segundo Gaetani e Coelho (1999 e 2006 citados por Lima e Rodrigues, 2017, p.12): “apesar de sexagenário, o campo vê-se ainda como uma área em construção, já destacado por Gaetani (1999, p. 95), diante da fragilidade dos fundamentos intelectuais como área do conhecimento, “a dificuldade de validação externa, a especificidade da área, a carência de credenciais acadêmicas e a permanente necessidade de legitimação social”. Além disso, há o desgaste da imagem do estado e perspectivas de trabalho nebulosas – haja vista a centralidade da carreira pública na burocracia convencional – a falta de identidade do ensino, o mimetismo de administração de empresas, a dicotomia política-administrativa, a escassez de material didático, a carência de corpo docente, os vínculos frágeis com o setor público e o deslocamento para o setor privado”.

Para entendermos melhor é preciso explicar os ciclos que o ensino de Administração Pública no Brasil vem passando.

Podemos dizer que atualmente a área da administração Pública passou por quatro ciclos, ou momentos marcantes que foram cruciais para chegarmos ao atual Campo de Públicas.

Como mostrado na obra de Lima e Rodrigues (2017) o primeiro ciclo é caracterizado pelos seguintes acontecimentos acerca do ensino da Administração Pública no Brasil:

O primeiro ciclo, de 1952 a 1965, configura-se a irradiação do ensino de AP no Brasil com as atividades pregressas do Dasp (Departamento Administrativo do Serviço Público) nos esforços de capacitação dos quadros funcionais do Estado. O período foi marcado pela instalação da Ebap (Escola Brasileira de Administração Pública) como centro de referência em estudos e pesquisas, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e capacitação para a burocracia estatal, sob o manto jurídico tal qual se manifestava o viés conceitual da AP naquele momento. LIMA e RODRIGUES (2017, p.15).

Ainda segundo Lima e Rodrigues (2017, p.15):

O segundo ciclo, marcado entre 1966 e 1982, ocorre à inflexão no campo do saber de AP como área do conhecimento. Se os cursos caminhavam a passos largos, formando os profissionais para atuar no governo, as orientações normativas regidas pelo Ministério da Educação e Cultura decapitavam o ensino da AP em função da corrente desenvolvimentista que dominou o país naquele período. A necessidade de fomentar a qualificação da mão de obra para a indústria no setor público e sua declínio, aflorando a administração empresarial em detrimento da pública. LIMA e RODRIGUES (2017, p.15).

O terceiro ciclo compreende o período de 1983 a 1994, tem como principal marco segundo Lima e Rodrigues (2017, p.15): “observa-se a letargia do ensino de AP, com perdas

significativas no campo em função inclusive, da interrupção do curso de graduação da Ebape".

Já no quarto ciclo de 1995 até os dias atuais, como dito por Lima et al é perceptível o crescente interesse pela área de públicas, repercutindo no surgimento da oferta de novos cursos.

No entanto, mesmo com esse aumento dos cursos de graduação é importante destacar a necessidade de mudança na estrutura curricular e principalmente no material de ensino.

Sabemos agora que a Administração Pública está criando sua identidade, no entanto, ainda é de extrema importância que ela se desvincule da Administração de Empresas. Muitas vezes o material estudado na AP é o mesmo que o da AE, são os mesmos exemplos e algumas vezes até os mesmos professores. Porém compreendemos que ambas pertencem a áreas diferentes e apesar da nomenclatura parecida, na prática são totalmente distintas.

Como dito por Coelho, 2008:

No Brasil, a abordagem teórico-conceitual na administração pública apoia-se, consideravelmente, em disciplinas das áreas de ciência política, sociologia e economia, entre outras, olvidando-se com frequência da administração geral. Ademais, essas influências estão presentes, no mais das vezes, em coletâneas, *papers* e em artigos acadêmicos que, por força da linguagem, do conteúdo e, por vezes, da abstração teórica, reduzem significativamente o número de leitores. Nesse cenário, e na medida em que é diminuta uma bibliografia sobre o setor público na área do conhecimento da administração – referente às subáreas do marketing, de recursos humanos, produção e operações, conforma-se óbice ao desenvolvimento do ensino superior de AP. (COELHO, F.S., 2008, p.13).

Com a crescente demanda por cursos na área espera-se que tais conhecimentos populares acerca da mesma sejam derrubados e passem a ser enxergados como realmente são, afinal um administrador público possui grandes decisões em suas mãos que envolvem toda uma população .

O dossiê do Campo de Públicas nos mostra como foi a concretização das Diretrizes Curriculares Nacionais e assim a consolidação do campo de públicas.

Pires et al. (2014) destaca outros quatro períodos de extrema importância para a consolidação da área, são eles:

1º período (2002 – 2005): a afirmação das diferenças e o reconhecimento da identidade própria.

É importante destacar nesse período dois eventos decisivos para a consolidação da atual área da administração pública, são eles: o II Encontro Nacional sobre Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação em Administração Pública e o I Encontro Nacional dos Estudantes de Administração Pública – Eneap (tal encontro se tornaria decisivo para a consolidação da área).

Pires et al. (2014):

O I Eneap teve sua primeira edição realizada em Araraquara-SP, no início do mês de agosto de 2002, ou seja logo, depois do encontro promovido pela CFA/Angrad. Organizado pelo Centro Acadêmico de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Unesp, em parceria com o Centro Acadêmico de Administração Pública da FGV-SP, o I Eneap contou com a participação de 150 estudantes. (PIRES et al., 2014).

Nesse período foi oficializada a distinção entre a Administração de Empresas e a Administração Pública.

2º período (2006 – 2009): o nascimento do Campo de Públicas.

O campo de públicas foi estruturado como um movimento em torno dos Eneaps.

O período foi marcado por um aumento da participação dos estudantes nos encontros e assim conseqüentemente o Eneap teve um crescimento significativo e fundamental.

Como mostra Vendramini (2013 citado por PIRES, et al. 2014, p.115): “ao longo desses Eneaps, O FP3CP foi, a cada ano, ganhando mais importância, com suas pautas sempre focadas em dois eixos temáticos fundamentais: mobilização de novos atores para integrarem o grupo e a construção de uma agenda unificadora”.

Ainda Pires et al. (2014):

O eixo da mobilização de novos atores representava o esforço (ainda presente) de mapeamento dos cursos correlatos e de identificação dos seus representantes, preferencialmente os respectivos coordenadores. Tratou-se de um conjunto de ações que buscava o fortalecimento interno do nascente Campo de Públicas, criando, ao mesmo tempo, condições para transformá-lo em um movimento nacional, com visibilidade e reconhecimento(...).

(...)O segundo eixo temático recorrente nas primeiras reuniões do fórum foi o da busca pela construção de uma agenda que fosse unificadora dos diferentes fazeres em torno do ethos republicano, comum às variadas denominações dos cursos que passariam a compor o campo: Administração

Pública, Gestão de Políticas Públicas, Gestão Pública, Gestão Social e Políticas Públicas, foram ênfases que permearam as reuniões do fórum entre 2007 e 2010 e que ganharam um instrumento próprio no documento da DCNs (construído entre 2010 e 2011 e com esforços para sua aprovação nos anos de 2012 e 2013) (PIRES et al. 2014, p.115).

3º Período (2010 – novembro de 2013): o crescimento do Campo de Públicas e a ameaça de retrocesso.

Pires et al. (2014):

O marco desse novo período foi uma reunião realizada em novembro de 2009, no Conselho Nacional de Educação (CNE), em que um grupo de professores de cursos de Administração Pública, sobretudo da FGV-SP e FGV-RJ, formulou uma primeira versão do texto para as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Administração Pública para discussão e aprovação no CNE. (PIRES et al. 2014, p.115).

Vale ressaltar nesse período a constante contrariedade por meio do CFA para que tais diretrizes não fossem aprovadas.

Tal oposição se dava devido ao medo de que com a aprovação das diretrizes e a consolidação do campo de públicas, os serviços que até então eram prestados por administradores (AE) passassem a ser designados exclusivamente para os administradores públicos.

Pires afirma que: “foi a primeira vez na história do CNE que um órgão de regulação profissional, no caso, um conselho, impetrou um recurso e tentou interceder em um processo decisório tipicamente de formação acadêmica e, portanto, pertencente à arena educacional”.

Quadro 1– Competências dos administradores públicos atuantes no setor governamental

DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA	EXPRESSÃO DAS COMPETÊNCIAS
Saberes Teóricos	Regulamentação e legislação vigentes; contabilidade, finanças e orçamento público; estudos econométricos para projeção de cenários, junto com macroeconomia; sistemas complexos para tomada de decisão; inovação.
Saberes do Ambiente	Informação sistematizada, com atualização e interoperabilidade. Visão sistêmica do ambiente externo, formação da política brasileira.
Saberes Procedimentais	O domínio do saber depende de cada contexto, que guarda uma série de peculiaridades desenvolvidas, sobre tudo, na prática.
Saber-fazer Relacional	A comunicação ajuda a mediação de conflitos de gerações e a minimizar as resistências em relação à adoção de novos métodos de trabalho.
Aptidões ou Qualidades	Assumem responsabilidades, pró-atividade, compromisso com a qualidade da prestação dos

	serviços aos usuários. Liderança na tomada de decisões; busca de autonomia, humildade, respeito, ética.
--	---

Fonte: Vendramini (2013, p. 194-195).

Pires et al. (2014) :

Após um longo período de quase quatro anos de intensas rodadas de diálogos e audiências entre representantes do Campo, autoridades do CNE e , até mesmo, representantes do CFA, finalmente o recurso foi arquivado em Outubro de 2013. Tratou-se de uma decisão que foi recebida com júbilo pelos defensores da mesma e que culminou com a oficialização do reconhecimento do Campo de Públicas como área de conhecimento autônoma e diferenciada na organização do ensino de graduação. (...)

(...) em 13 de Janeiro de 2014, o CNE, por meio da sua Câmara de Educação Superior (CES) instituiu, pela Resolução nº1, as DCNs de Administração Pública, abarcando os cursos do Campo de Públicas. (PIRES et al. 2014, p.115).

4º Período (Dezembro de 2013): O início da consolidação do Campo e seu reconhecimento no âmbito do sistema de avaliação educacional.

O período entre final de 2013 e início de 2014 dá início à nova etapa na trajetória do Campo de Públicas, com sua efetiva consolidação como área de ensino e pesquisa com vida própria no sistema de graduação. O primeiro passo em direção a essas novas conquistas foi dado no final de 2013, com a homologação das DCNs; o segundo ocorreu no primeiro trimestre de 2014, com uma audiência realizada na Diretoria de Avaliação da Educação Superior (Daes), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) sinalizando a abertura de um novo ciclo. (PIRES et al. 2014, p.117)

Resumo dos Ciclos:

1º Período: Afirmação das diferenças e o reconhecimento da identidade própria	Período em que oficializa o campo de Pública em sua distinção com a Administração de Empresas. Destaque para o II Encontro Nacional sobre Diretrizes Curriculares dos cursos de Graduação em Administração Pública e I Encontro Nacional dos Estudantes de Administração Pública – Eneap
2º Período: O nascimento do Campo de Públicas	Crescimento significativo do Eneap que consútil em um movimento para a estrutura do campo de públicas
3º Período: O crescimento do Campo de Públicas e a ameaça de retrocesso	Constante contrariedade do CFA para que as diretrizes do campo de públicas não fossem aprovadas
4º Período: O início da consolidação do Campo e seu reconhecimento no âmbito do sistema de avaliação educacional	Início à nova etapa na trajetória do Campo de Públicas, com sua efetiva consolidação como área de ensino e pesquisa com vida própria no sistema de graduação.

2.4 O curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras

O curso de Administração Pública da UFLA é recente, tendo sua primeira turma ingressada no segundo semestre de 2010 e sua primeira monografia defendida em 31/10/2014.

São ofertadas 50 vagas por semestre, as quais a possibilidade de ingresso é feito através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) e pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS).

A página do curso na internet o descreve da seguinte maneira:

O Curso de Bacharelado em Administração Pública vem ao encontro das necessidades das organizações públicas contemporâneas que buscam gestores com visão holística das ações administrativas e políticas governamentais, capacitados para exercitar a gestão na esfera regional, nacional e internacional, de forma a contribuir para o alcance dos objetivos da nação.

A concepção do curso está voltada para a formação de egressos capazes de atuar de forma eficiente e eficaz no contexto da gestão pública, à luz da ética, buscando contribuir para o alcance dos objetivos e desenvolvimento das organizações governamentais e não governamentais, de forma que elas atendam às necessidades e ao desenvolvimento da sociedade.

O curso proporciona sólida formação nas teorias administrativas e enfatiza o desenvolvimento de competências necessárias ao bom desempenho profissional do gestor público, além de formação generalista, permitindo definir um perfil de administrador moderno, capacitado a planejar, organizar, dirigir e controlar as ações e as políticas públicas nas diversas esferas de governo. (Site do curso de Administração Pública da UFLA)

Segundo Leme, Oliveira e Tonelli (2017) “O curso representa o compromisso da UFLA com a construção de um Estado Republicano e Democrático, voltado aos interesses diversos da coletividade. Trata-se de um projeto que possui uma nova concepção epistemológica, direcionada ao papel do Estado no desenvolvimento local sustentável.”

Coelho (2008) (citado por Leme, Oliveira e Tonelli, 2017, p. 295) exemplifica quais características julga ser indispensáveis a um administrador público:

1. Habilidades técnicas, definidas como a prática de introdução e adaptação de tecnologias de gestão, que exige conhecimentos e habilidades relacionadas ao planejamento, estruturação, liderança e controle. À medida que os municípios desenvolvem novos papéis, funções ou ditames administrativos, as habilidades gerenciais passam a ser cada vez mais requisitadas, havendo, portanto, a necessidade de perceber que diversos atores governamentais e não governamentais se transformam e criam um contexto que exige cada vez maior preparo técnico.
2. Habilidades sociopolíticas, necessárias ao aperfeiçoamento dos mecanismos de democracia, controle social, elaboração de políticas

públicas, avaliação da efetividade dessas políticas, prospecção de necessidades sociais, entre outras. São essas habilidades que caracterizam o administrador público, cujas ações focarão o bem-estar social e coletividade. (LEME; OLIVEIRA; TONELLI, 2017, p. 295).

Ainda segundo Leme, Oliveira e Tonelli (2017):

A consolidação do curso de bacharelado em Administração Pública da UFLA se deu por meio da necessidade de formação de bacharéis, com o fito de atender à demanda do mercado de trabalho das regiões Sul, Sudoeste e Campo das Vertentes no Estado de Minas Gerais, devido à carência de pessoal qualificado ao exercício da gestão pública, seja na administração direta municipal ou indireta, em órgãos ou empresas públicas, organizações não governamentais e demais entidades prestadoras de serviços públicos. (LEME; OLIVEIRA; TONELLI, 2017, p. 290).

“O reconhecimento e aceitação da comunidade pelo curso podem ser visualizados pelos dados do Quadro, que mostra a evolução do número de candidatos/vaga nos últimos processos seletivos”.

Quadro 01. A relação candidato/vaga do curso de Administração Pública da UFLA (2010-2013)

Processo Seletivo	Semestre	Vagas	Candidatos	Candidatos/Vaga
Processo Tradicional	2010/2	50	371	7,42
SISU*	2011/1	30	777	25,90
SISU	2011/2	50	1.155	23,10
SISU*	2012/1	30	1.267	42,23
SISU	2012/2	50	1.355	27,10
SISU*	2013/1	30	1.378	45,93
SISU	2013/2	50	1.709	34,18

*Exceto PAS, que participa com 40% das vagas ofertadas no primeiro semestre de cada ano.

Fonte: Quadro extraído da obra, Pioneirismo, Renovação e Desafio, 2017, p. 291

Como podemos ver, por ser um curso novo ainda, há muitos ajustes que devem ser feitos. Entre eles está o desafio de colocar os alunos em contato direto com o meio de trabalho, possibilitando e capacitando profissionais aptos e experientes, o que facilitaria a entrada no mercado de trabalho.

3. Metodologia

3.1 Natureza e tipo de pesquisa

A metodologia pode ser entendida como o conjunto de técnicas e processos com o intuito de resolver certo problema através de métodos pré-estabelecidos. O presente trabalho científico é delineado como uma pesquisa de campo descritiva com uma abordagem qualitativa, que consiste na análise da relação entre as redes sociais dos alunos do curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras e o ingresso ao mercado de trabalho.

Raupp e Beuren, citando Gil (1999) e Andrade (2002), definem a pesquisa descritiva com as seguintes características: para Gil (1999) “a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados.”.

Completando a ideia de Gil, Andrade (2002) define a pesquisa descritiva como uma forma em que “preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, e o pesquisador não interfere neles. Assim, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador.”.

Como dito, a pesquisa apresentada se classifica como natureza de caráter qualitativo, na qual será realizado um estudo de campo.

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY; ARILDA; 1995, p. 62).

Já o trabalho de campo contribui para a aproximação do pesquisador com o meio pesquisado e assim possibilitando que se faça uma análise mais crítica.

Segundo Gonçalves (2001 citado por PIANA, 2009, p.169), “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”.

As análises foram obtidas através de um estudo de campo exploratório de caráter qualitativo com uma amostra de trinta alunos egressos do curso de graduação em Administração Pública da Universidade Federal de Lavras.

3.2 Processos da coleta de dados

As informações apresentadas foram obtidas através de uma entrevista com base num roteiro semiestruturado individual com perguntas discursivas, as quais possuem o intuito de facilitar a interação entre os entrevistados e os pesquisadores, assim conseqüentemente acarretando em um aprofundamento do tema pesquisado.

Segundo Barros & Lehfeld (2000, citado por PIANA, 2009, p.179), “a entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa”.

3.3 Análises da coleta de dados

Posteriormente foi realizada a análise qualitativa dos dados coletados das entrevistas a fim de compreendermos como as redes de relações sociais, podem interferir no acesso ao mercado de trabalho pelos estudantes e egressos do curso.

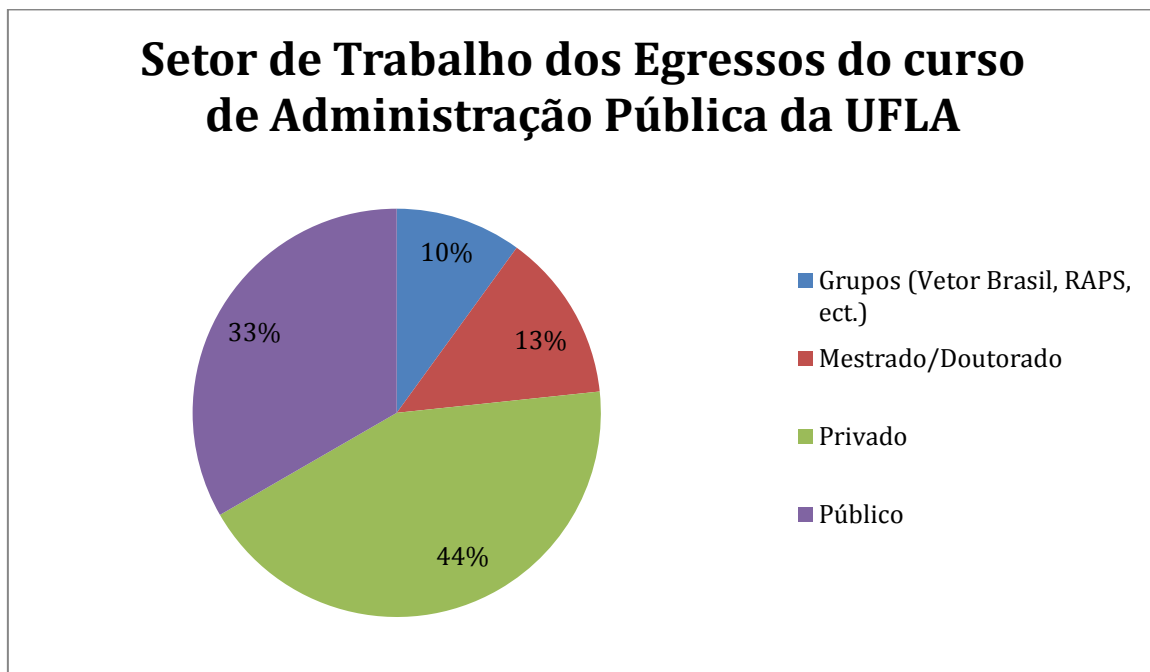
Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa ilumina, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. (GODOY; ARILDA; 1995, p. 63).

A análise foi feita através da transcrição das entrevistas para o papel, posteriormente foi levantado os pontos em comum que foram citados pelos entrevistados e aqueles pontos que pudemos considerar como infrequentes, por fim buscamos comparar tais pontos com o que está descrito na literatura com base na teoria de laços de Granovetter.

4. Resultados e Discussões

4.1 O mercado de trabalho para os egressos do curso de Administração Pública da UFLA

Após a coleta de dados, o resultado da análise das entrevistas mostrou que entre os entrevistados que estão trabalhando a maioria está inserida no setor privado. Alguns continuam sua qualificação com mestrado ou doutorado e uma parcela conseguiu se inserir em atividades ligadas ao setor público, como mostra o gráfico:

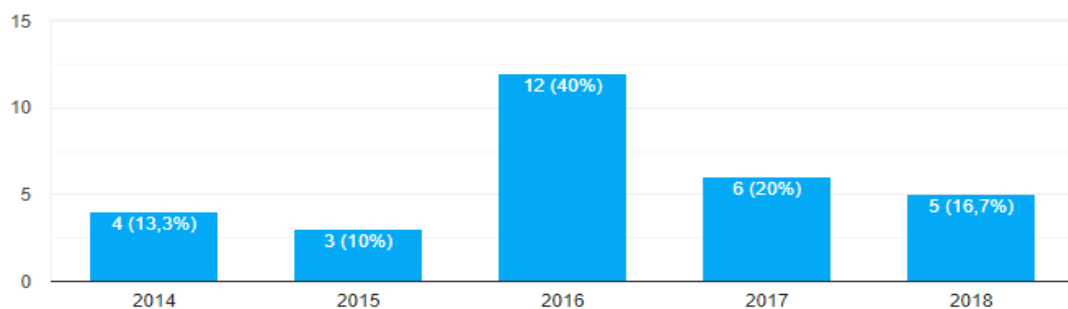


Fonte: Dados extraídos de entrevistas com egressos do curso de Administração Pública da UFLA

O gráfico a seguir mostra a relação do ano em que formaram os entrevistados:

Qual seu ano de formação no curso de Administração Pública da UFLA?

30 respostas



Entre essa parcela de egressos que hoje estão inseridos no mercado de trabalho a maior parte acredita que as atividades desenvolvidas durante a graduação foram fundamentais para seu sucesso profissional, entre essas atividades é importante destacarmos a Iniciação Científica e Projetos de Extensão que foram muito citados, a participação no CA também se mostrou muito vantajosa, além de empresas JR, Intercâmbios, PETI, Monitorias.

Deve ser destacada a importância do estágio no qual apareceu como de fundamental necessidade para que o egresso entre com uma postura confiante no mercado de trabalho.

Trechos extraídos das entrevistas exemplificam bem essa conclusão:

“Para mim, os eventos científicos (congressos e encontros da área) foram muito importantes para que eu pudesse desenvolver o interesse e habilidades por pesquisa científica, em especial as que envolvem coleta e análise de dados”.

“Acredito que todos os eventos promovidos pelo curso são oportunidades de enriquecimento acerca dos temas do campo. A semana acadêmica do curso de Administração Pública promovida pelo CenAAP/UFLA, o ciclo de Debates de Políticas Públicas, os eventos promovidos pelo Peti, são todos de grande valia no sentido de construirmos conhecimento e estabelecermos contato com profissionais da área. No mais, acredito que deveria ser mais incentivada a participação em Congressos e eventos científicos do campo, como Enapg, Anpocs, ENPP e outros, para que a produção acadêmica seja mais cultivada pelos discentes”.

Como apresentado anteriormente com Schommer (2005) a necessidade de um ambiente acadêmico com formas de ensino diversificadas se apresenta necessária principalmente no que diz respeito à prática do que foi ensinado. Além de que cada aluno aprende melhor de uma forma, isto é, por exemplo, a metodologia de aulas expositivas nem será a melhor forma de compreensão por parte dos alunos.

Schommer (2005) cita como solução para tais problemas as várias formas de ensino que podemos ter no ambiente acadêmico aproximando a teoria com a prática, como por meio do diálogo entre as pessoas, projetos e atividades em conjunto.

Como mostrado através dos relatos dos egressos, tais variedades de ensino são aplicadas pelo curso de Administração Pública da UFLA, com várias palestras, encontros, debates e oficinas que são promovidos constantemente durante a graduação.

Os eventos aparecem nos relatos como essenciais, no qual os egressos apontam que todos possuem sua importância e é necessário ao aluno desenvolver a habilidade de tirar o melhor que cada um pode proporcionar.

4.2 As redes e o curso de Administração Pública da UFLA

Em relação aos contatos feitos durante a graduação, questão essa principal da pesquisa, com exceção de uma pequena fração dos entrevistados, houve uma superioridade que acredita que as relações possuem a capacidade de interferir na inserção ao mercado de trabalho.

Como apresentado por Granovetter (1985) as redes que construímos ao longo da vida, isto é, os laços fracos, acabam por interferir em nossa experiência e entrada ao mercado de trabalho.

Esses laços são uma forma de indicação moderadamente imparcial de forma que o indicador apesar de possuir uma relação direta com o indicado, se compromete somente em facilitar uma demanda inicial de ambas as partes (contratante e contratado), isto é, o ingresso não se dá somente devido a esses laços mas também ao conhecimento prévio por parte do indicador sobre a área de atuação, especialidades e potencialidades do indicado.

Granovetter (1985) expõe que a permanência no mercado ocorre em função dos laços desenvolvidos durante o exercício das atividades laborais, de modo que a percepção de características, ideias, pensamentos e visões convergentes entre os trabalhadores é essencial para a continuidade no desse vínculo profissional.

Muitos egressos relataram a experiência de ingresso no mercado de trabalho através de algum contato feito durante a graduação.

No caso daqueles que não se beneficiaram diretamente, isto é, não se inseriram no mercado de trabalho devido a alguma relação que desenvolveu ao longo de sua trajetória acadêmica, eles também acreditam que essas relações podem sim ser benéficas e necessárias, inclusive citaram tal característica em resposta a outra pergunta.

Talvez tal afirmação vinda mesmo daqueles que não se beneficiaram seja devido a alguma experiência em que presenciaram a ação de tais laços.

“Pessoalmente n[ão] tive esse privilégio. Mas acredito q[ue] faça total diferença (positiva e vantajosa eu me refiro)”

“No meu caso não, mas com certeza esse tipo de contato que a universidade possibilita pode ser determinante em vários casos de sucesso dos egressos.”

“Acho que este foi o fator mais importante da graduação. Todas as experiências de trabalho que tive foram através de contatos estabelecidos na graduação.”

“Na minha opinião, as duas formas mais acessíveis de atuação profissional para egressos do curso de administração pública são a admissão em concurso público e por meio das redes de relações. Essas duas alternativas se mostram, na atual conjuntura, muito estreitas, já que a concorrência tem se expandido.”

“O primeiro emprego foi de assessora parlamentar. Que consegui por indicação de um amigo”.

“Atualmente trabalho além do meu serviço como efetiva na campanha de um candidato a deputado federal que eu conheci na universidade”.

A última declaração principalmente destaca bem a importância de um ambiente acadêmico diversificado, não somente com aulas teóricas, e sim com outras experiências como palestras, encontros, aulas práticas e que merece uma maior atenção aos projetos de extensão, pois no atual ambiente acadêmico da UFLA os projetos de pesquisa são mais visados.

Como podemos observar todas as respostas referentes a essa pergunta nos exemplificam os laços fracos descritos por Granovetter (1985), no qual a relação com conhecidos colocaram os egressos em contato com o ambiente do mercado de trabalho.

Granovetter (1985) argumenta que as ações dos atores sociais são condicionadas pelo seu pertencimento a redes de relações interpessoais. O mercado, portanto, não consiste num livre jogo de forças abstratas, a oferta e a procura, entre atores atomizados e anônimos, mas num conjunto de ações estreitamente imbricadas em redes concretas de relações sociais. Raud-Mattedi, 2005, p. 65

Uma observação importante sobre as últimas declarações extraídas é como elas elucidam também a ideia de Granovetter sobre como as redes de relações funcionam em função da confiança.

Ao afirmarem que “O primeiro emprego foi de assessora parlamentar. Que consegui por indicação de um amigo” e “Atualmente trabalho além do meu serviço como efetiva na campanha de um candidato a deputado federal que eu conheci na universidade”; Ambas afirmativas evidenciam as ideias de Granovetter.

Como apresentado ambos se inseriram no mercado de trabalho através de contatos feitos durante a graduação, um destaque importante é que tais contatos foram feitos dentro da Universidade, assim revelando mais uma vez a importância de um ambiente acadêmico diversificado em metodologias e a fundamental importância da participação dos graduandos em atividades promovidas pelo curso.

Em um ambiente complexo de se entrar e permanecer tais laços tornam mais fácil a transição. Temos essa conclusão a partir dos seguintes depoimentos:

“Acredito que o contato fundamental que estabeleci durante a graduação e que me possibilitou o ingresso no mestrado foi com minha orientadora e banca avaliadora de trabalho de conclusão de curso, que me incentivaram a participar do processo seletivo em uma instituição renomada”. como a USP e que me auxiliaram durante o percurso com o envio de cartas de recomendação.

“Todas a as experiência de trabalho que tive foram através de contatos estabelecidos na graduação”.

Importante destacar que no primeiro depoimento apresentado mesmo sendo aluno do mestrado o entrevistado presta consultoria na área de Administração Pública.

4.3 Obstáculos para a inserção ao mercado de trabalho

Em relação às dificuldades e obstáculos para a inserção profissional no mercado de trabalho os entrevistados foram unânimes sobre sua existência. Temos como exemplo as seguintes respostas:

“Muito grandes, principalmente para pessoas sem experiência profissional e por ser o primeiro emprego”.

“Falta de Experiência, conhecimento em rotinas administrativas, preconceito de alunos recém formados inserindo no mercado, problemas com rotinas datadas e pouco efetivas”.

“Acredito que a inserção no mercado de trabalho em nosso campo apresenta particularidades: minha percepção aponta como fator preponderante para a conquista de um cargo na Administração Pública a rede de contatos que o egresso tem a sua disposição. Excetuando-se as entradas via concursos e processos seletivos como os de pós-graduação citado, me parece que o êxito em lograr um emprego depende mais de indicações pessoais e recomendações de outros profissionais que já estejam na organização do que habilidades e experiências que o candidato possa vir a apresentar. Isso consiste em grande obstáculo para inserção no mercado de trabalho, já que são poucos os egressos que têm o privilégio de possuir uma rede influente”.

Podemos concluir a partir das declarações como mais uma vez a teoria de Granovetter se mostra verdadeira.

Em todas as respostas foi evidenciada a importância de se ter um contato para ingressar ao mercado de trabalho, na área da Administração Pública tal necessidade se faz ainda mais presente uma vez que como mostrado por Gaetani e Coelho (1999 e 2006) a área da Administração Pública apesar de sexagenária é constantemente associada à Administração de Empresas o que a torna ainda desconhecida para muitos.

“Não trabalho no setor público, portanto creio que a maior dificuldade está justamente aí, conseguir inserir-se no setor público (que naturalmente é feito por indicações e concursos)”.

Até mesmo em concursos públicos vemos o desconhecimento sobre a área, o qual permite que formados em áreas distintas ingressem em uma atividade que caberia perfeitamente a um Gestor Público visto que o mesmo estudou para tal.

“As principais dificuldades que eu percebo em relação à inserção no mercado de trabalho está na falta de oportunidades para os administradores públicos, visto que esta função é desempenhada, na maioria das vezes, por pessoas que receberam indicação política e que não possuem conhecimento técnico para exercê-la”.

“Pouca oferta de vagas na área. Vagas direcionadas a formação escassas. Poucos concursos para Administração Pública”.

A falta de oportunidades para formandos em Administração Pública foi muito apresentada nas entrevistas. A permissão para que formados em outros cursos exerçam as mesmas atividades de um Administrador Público impacta diretamente no ingresso de um gestor no mercado de trabalho.

Essa questão deve ser debatida com bastante atenção, visto que ela esta fortemente presente em nossa realidade.

É preciso que a Administração Pública tenha seu reconhecimento e ocupe o espaço que lhe é destinado, dar exclusividade aos gestores para que exerçam as atividades que são de sua competência.

Mais uma vez, eventos como o Encontro Nacional dos Estudantes dos Cursos do Campo de Públicas – ENECAP e o Encontro Nacional dos Estudantes de Administração Pública – ENEAP se mostram importantes.

Como apresentado anteriormente por Pires (2014), foi durante o ENEAP que tivemos um fortalecimento do curso para que se desvinculasse da Administração de Empresas e posteriormente tivemos a consolidação da grade do curso de Administração Pública.

Sendo assim, a participação dos graduandos em tais eventos é de extrema importância visto que é durante esses encontros que há um fortalecimento da área.

5. Considerações finais

A pesquisa foi desenvolvida tendo como base a teoria de laços de Mark Granovetter, a qual afirma que nossas relações são formadas por laços fortes – família, amigos e laços fracos – aqueles que surgem como uma ponte nas relações, como por exemplo, um conhecido de um amigo.

A principal limitação apresentada a princípio foi em relação ao contato com os alunos egressos, pois a grande maioria não está no município de Lavras, ocorreu também certo receio por parte de uma pequena parcela de alunos em responder ao questionário, visto que alguns nem sequer responderam à pergunta inicial a respeito se poderíamos entrevistá-los.

No entanto logo tal limitação foi superada por meio das redes sociais e assim foi possível darmos continuidade.

Através da pesquisa observamos que a teoria de Mark Granovetter estava certa, os laços que nos cercam afetam nossas relações e conseqüentemente influenciam no ambiente de trabalho.

Tal afirmativa é reforçada quando os alunos egressos que não consideram que foram beneficiados pelas redes de relações para ingressarem ao mercado de trabalho, acreditam que elas são de suma importância.

A teoria afirma também que as relações que o indivíduo mantém no ambiente de trabalho é responsável pelo sucesso ou fracasso do órgão/empresa, assim são os laços que formam nesses lugares que determinaram o crescimento do mesmo.

A pesquisa trás uma manifestação da necessidade de mudança na grade curricular do curso, com um objetivo mais prático, a fim de trazer experiências para os egressos quando inseridos no mercado de trabalho.

Um ponto importante de destacarmos é que era esperado que os alunos entrevistados mencionassem e explicassem mais sobre os grupos em que trabalham como a RAPS, Inova BR, Avança Brasil, entre outros, no entanto não foi o que aconteceu. A única vez em que foi mencionado tais grupos foi na pergunta sobre onde trabalham atualmente, não houve uma explicação de como conseguiram se inserir nos mesmos.

Talvez se o questionário fosse mais direcionado para esses grupos teríamos um conhecimento mais detalhado sobre a inserção neles.

Sendo assim deixo como sugestão uma pesquisa sobre como se dá a inserção nesses grupos, e como eles funcionam.

A pesquisa contribui assim para o curso de Administração Pública, uma vez que mostrou a importância de alunos participarem dos eventos promovidos pelo curso, de estarem engajados com o mesmo, além de uma mudança também por parte do colegiado com o intuito de trazer questões reais para o ambiente de ensino.

Na prática a pesquisa contribui com a demonstração da necessidade de que o curso de Administração Pública da UFLA continue com os eventos promovidos fora da grade curricular. Apresenta a necessidade de um estágio obrigatório, o qual poderia ser oferecido em conjunto com as prefeituras de cidades vizinhas. Uma sugestão seria oferecer mais oficinas durante a graduação para que aqueles alunos que ainda não conseguiram um contato com o estágio criem uma experiência com a prática.

O objetivo de estudar as redes de relações que movem o mercado de trabalho no âmbito do curso de Administração Pública da Universidade Federal de Lavras foi entender e assim trazer para o curso qual a forma mais simples de se inserir no mercado, a fim de que possa ser passado para os alunos esse “atalho”.

Os resultados obtidos apresentam-se de extrema importância, pois são eles que servirão de base para as possíveis modificações no curso.

Tais modificações apresentaram necessárias principalmente em relação à grade curricular do curso, a qual necessita tornar-se mais prática.

O que se espera é que essas informações sejam passadas e prezadas para os graduandos a fim de que se possa facilitar o ingresso ao mercado de trabalho e ampliar as oportunidades.

Referências

- ABRAMOVAY, R. “Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais”. *Tempo social*, v. 16, n. 2, p. 35-64, 2004.
- BOVO, CASSIANO RICARDO. “A contribuição da teoria da rede social, de Mark Granovetter, para a compreensão do funcionamento dos mercados e a atuação das empresas”. *Pensamento & Realidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração-FEA*. ISSN 2237-4418, v. 29, n. 3, p. 17, 2014.
- CAREGNATO, R. C. A., & MUTTI, R. “Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo”. v. 15, p. 679-84. (2006).
- CARVALHO, Mercya Rose de O. *Redes sociais: convergências e paradoxos na ação estratégica*. *Diálogos Possíveis*, v. 3, n. 1, 2014.
- COELHO, F.S. “A problemática atual do ensino de graduação em administração pública no Brasil”, in *Cadernos EBAPE. BR*, São Paulo, (mai. 2008).
- GAETANI, F. “O ensino de administração pública no Brasil em um momento de inflexão”, in *Revista do Serviço Público*, vol. 4, 1999.
- GANEM, A. “Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica”. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 4, n. 2, 2000.
- GUIMARÃES, N.A. “A sociologia dos mercados de trabalhos, ontem e hoje”. in *Novos Estudos, CEBRAP*, 2009, p. 151-170.
- GODOY, A.S. “Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”, in *Revista de Administração de Empresa*, São Paulo, v. 35, nº 2, pp. 57-63, (Mar./Abr. 1995).
- GRANOVETTER, M.; “As abordagens sociológicas e econômicas para análise do mercado de trabalho: uma visão estrutural social”.
- JUNIOR, E. L. “As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica”., Brasília, in *Soc. Estado*, vol. 17, n. 1, 2002.
- LIMA, L. L.; RODRIGUES, M. “Campo de públicas em ação: coletânea em teoria e gestão de políticas públicas”, 2017.
- OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. “Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas”. 2001.
- PIANA, M.C. “A pesquisa de campo” São Paulo, pp. 167-210, 2009.
- PIRES, Valdemir et al. “Dossiê-Campo de Públicas no Brasil: definição, movimento constitutivo e desafios atuais. *Administração Pública e Gestão Social*”, v. 6, n. 3, p. 110-126, 2014.

RAUPP, F. M. et all BEUREM, I. M. “Metodologia da Pesquisa aplicável às Ciências Sociais”, cap. 3, pp. 76-97.

RAUD-MATTEDI, C. “Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação”., 2002-2003.

SCHOMMER, Paula Chies. Comunidades de prática e articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade. 2005. Tese de Doutorado.

SWEDBERG, R. “Sociologia econômica: hoje e amanhã”. Tempo social, v. 16, n. 2 (nov. 2004), pp. 7-34.

STEINER, P. “Da antiga à nova sociologia econômica”, in A Sociologia Econômica. S.P.: Atlas, 2006.

_____. “A Sociologia Econômica”, pp.76-105.

SWEDBERG, R. “Conceitos básicos da Sociologia Econômica de Weber”, in Max Weber e a ideia de sociologia econômica. Rio de Janeiro: editora UFRJ; São Paulo: Beca Produções Culturais, 2005, pp. 45-105.

VENDRAMINI, P; ALMEIDA, L. “Pioneirismo, Renovação e Desafios: Experiências do Campo de Públicas no Brasil”, 2017.

VERGARA S.C. “Tipos de pesquisa em Administração”, in Cadernos EBAPE, São Paulo, (Jun. 1990), nº 52.

VINHA V. “Polanyi e a nova sociologia econômica: uma aplicação contemporânea do conceito de enraizamento social”, Ver. Econômica, v. 3, n.2, pp. 207-230, (Dez. 2001).